

## Colapso dos Sentidos

Sobre a superfície da folha em branco, ou do corpo nu, histórias são escritas, marcas são deixadas. Tal como um palimpsesto, absorvem camada após camada de tinta, ou de vida, se preferirmos, e a leitura dos sinais ali gravados constitui exercício de tradução permanente, uma vez que a busca pelo sentido implica alcançar as camadas ulteriores de narrativas "estrangeiras", e penetrar o desconhecido.

As singularidades de uma história somente podem ser comunicadas mediante sua tradução. De acordo com George Steiner, comunicação, compreensão e tradução constituiriam termos análogos, uma vez que a comunicação é baseada na compreensão e a compreensão só é possível a partir de processos de tradução através do tempo, do espaço e de diferentes fronteiras.

Ao levar adiante seu processo de investigação do corpo e da palavra, Andressa Cantergiani vai encontrar no estrangeiro o enigma da tradução. A alteridade que produz a diferença, e demanda interpretação, torna-se o objeto de sua pesquisa em *Antworte*, uma performance que, como no *Livro de Cabeceira*, de Peter Greenaway, se dá mediante as anotações feitas em sua própria pele. Em resposta à pergunta *o que é um estrangeiro?*, o público ali inscreve suas palavras, as quais são interpretadas pela artista, de maneira tátil e intuitiva, em suas transcrições/traduições escritas na parede da galeria.

As diferenças culturais, e os enfrentamentos políticos delas resultantes, ganham neste projeto a possibilidade de mediação a partir da linguagem, que aqui não mais opera como barreira, mas como campo semântico aberto, espaço para a tradução e interpretação. Como resultado desta operação, uma "Babel" de expressões se apresentam como alternativa dialética para corpos e culturas estranhas umas às outras.

Já em *Dioptra*, performance realizada por Andressa Cantergiani e Roberta Vaz, a oposição entre forças opostas gera o tensionamento e o conseqüente esgarçamento das possibilidades dialéticas, levando não a uma síntese, mas a suspensão de um léxico comum e de suas possibilidades sintáticas. A ruptura com o sentido, em potencial, está aqui tratando da impossibilidade de comunicação, do absoluto colapso do sentido.

Tal qual na parábola de Kafka, onde dois guerreiros, simbolizando o passado e o futuro, encontram-se em oposição, em embate, aqui o tempo presente também é posto em suspensão. Entretanto, diversamente da interpretação dada por Hannah Arendt ao texto de Kafka, não é mais o passado que nos impulsiona para frente, enquanto o futuro nos bloqueia; parecemos estar sendo puxados para trás, repisando a História, incapazes de nos colocarmos acima deste embate entre temporalidades e, portanto, incapazes de refletir.

Dois corpos se digladiam nesta performance "às escuras", a qual se dá num ponto cego da História, em plena aporia diante do tempo presente.

Bernardo José de Souza